

A EDUCAÇÃO MENOR E A OFICINA DE CONCEITOS A PARTIR DA LEITURA DE SILVIO GALLO

Bárbara de Almeida Hoffmann Rocha Loures¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é apresentar a metodologia de ensino de filosofia proposta por Silvio Gallo, a oficina de conceitos. Essa metodologia se difere das outras porque realiza, a partir da pedagogia do conceito proposta por Deleuze, a rejeição de qualquer método que se pautie unicamente na reconhecimento. Para isso faremos uma breve análise a crítica de Silvio Gallo a partir dos moldes do ensino de filosofia nas escolas brasileiras. Após essa análise e diagnóstico, apresentaremos a ideia da filosofia como criação de conceitos e suas consequências para a relação entre o ensino e a aprendizagem e o papel do professor na aula de filosofia. Em seguida, apresentaremos os quatro passos para a aula de filosofia proposto por Silvio Gallo. Por fim, concluiremos que tal proposta permite uma experiência filosófica que torna a filosofia um fim em si mesma e não apenas um meio para a prática cidadã.

Palavras-chave: Ensino de filosofia; Metodologia de ensino de filosofia; Oficina de conceitos.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the philosophy teaching methodology proposed by Silvio Gallo and the concepts workshop. This methodology differs from the others because it makes from the pedagogy of the concept proposed by Deleuze the rejection of any method based solely on recognition. For this we will make a brief analysis of the history of philosophy teaching in Brazil and Silvio Gallo's critique from these lines. After this analysis and diagnosis, we will present the idea of philosophy as concept creation and its

¹ Formação em Filosofia licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2019). Atualmente é mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4327090215023637>. E-mail: babai_pinhao@hotmail.com.

consequences for the relationship between teaching - learning and the role of the teacher in the philosophy class. Next, we will present the four steps for the philosophy class proposed by Silvio Gallo. Finally, we will conclude that such a proposal allows for a philosophical experience that makes philosophy an end in itself and not just a means for citizen practice.

Keywords: Philosophy teaching; Philosophy teaching methodology; Concepts workshop.

INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia nas escolas brasileiras se encontra envolvido de problemas. São problemas que estão presentes desde o início da trajetória da disciplina em nosso país, os quais implicam desde a dificuldade em consolidar a filosofia na educação básica até as suas possíveis metodologias de ensino. O objetivo deste artigo é discutir esses problemas à luz da proposta e diagnósticos feitos por Silvio Gallo em sua obra *Metodologia do ensino de filosofia – uma didática para o ensino médio*, bem como tratar do problema da ensinabilidade da filosofia e de sua aprendizagem. Somente após essa análise será possível resgatar a oficina de conceitos proposta por Silvio Gallo.

Será possível pensar e encontrar metodologias que fujam do ensino cognitivo no ensino de filosofia? Com o objetivo de fazer-se uso de uma metodologia eficiente para esta pesquisa será apresentada a crítica de Silvio Gallo aos moldes do ensino de filosofia nas escolas de ensino médio brasileiras, analisando e expondo neste trabalho suas críticas a tais moldes. A investigação para a realização destas críticas se dará através da obra de Silvio Gallo *Metodologia do Ensino de Filosofia* e da obra *O que é a filosofia?* de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Da obra de Deleuze e Guattari, Gallo extraiu ideias importantes para formular sua sugestão de metodologia, portanto a utilização da obra desses dois filósofos franceses é indispensável para uma melhor compreensão deste trabalho, bem como a leitura de bibliografias capazes de contribuir para o desenvolvimento do problema proposto.

Sílvio Gallo é um filósofo brasileiro que apresenta uma crítica ao modelo de ensino pautado em uma didática geral, à relação ensino-aprendizagem e a uma educação submetida aos objetivos do Estado. O objetivo de Gallo é a proposta de uma metodologia do ensino de filosofia que não se resuma em uma transmissão de conhecimentos do professor para os alunos. Essa mera transmissão que encontramos tão frequentemente no ensino pouco pode de filosófico acrescentar aos jovens. Sua proposta é que eles experienciem a filosofia de uma nova maneira, partindo de um ensino que encare a filosofia como criação de conceitos a partir da construção de problemas.

Para desenvolver o problema proposto, em um primeiro momento está pesquisa apresentará a forma como a filosofia é interpretada de maneira genérica por aqueles que formulam os documentos e diretrizes para guiar o professor. Esses documentos, por várias vezes restringem a filosofia como sendo a disciplina que é responsável pelo “exercício da cidadania”, o que a torna mera aquisição de habilidades para o exercício da cidadania. Essa proposta que Silvio Gallo concebe como educação maior restringe a experiência filosófica. Também buscaremos explicitar porque a crítica de Silvio Gallo é construtiva ao permitindo uma certa “liberdade” do ensino de filosofia em relação à essa educação maior quando ele propõe o deslocamento conceitual e passa a tratar de uma educação menor.

Após apresentação do problema, buscaremos desenvolver a ideia de uma pedagogia do conceito formulada por Deleuze e Félix Guattari, na obra *O que é Filosofia?* O conceito quando inserido no ensino de uma educação menor acaba possibilitando a realização de uma didática que Silvio Gallo chamou de oficina de conceitos. A aula, como veremos, se divide em momentos nos quais o professor e o aluno podem juntos buscar a solução para os problemas criados no ato da própria aula, cujo resultado é a formulação de conceitos. Mais importante que encontrar soluções, a oficina de conceito busca permitir a experiência da vivência dos alunos com o problema que nasce quando somos forçados ao exercício do pensamento.

Em suma, veremos que a oficina é uma construção da perspectiva filosófica, do conceito e seus problemas, da possibilidade de sentir esses problemas, onde a relação entre professor e alunos se mostra na figura de um mestre que não é meramente um explicador, mas sim aquele que se coloca no mesmo nível de saber dos alunos para aprenderem juntos, cada um em sua singularidade, a experiência filosófica da criação de conceitos.

1 A crítica de Silvio Gallo à educação maior e a proposta de uma educação menor

Em sua obra *Metodologia do Ensino de Filosofia* (2012), Silvio Gallo inicia o segundo capítulo afirmando que: “Uma didática geral, uma arte de ensinar tudo a todos não pode dar conta do ensinar filosofia, do aprender filosofia. Filosoficamente, o aprendizado da filosofia está para além de qualquer método, que significa controle” (GALO, 2012, p.53). A filosofia e o ensino de filosofia enfrentam problemas para firmar uma consolidação nos currículos brasileiros, tal problema já se apresenta instaurado há muito tempo. Silvio Gallo se propôs a discutir esses problemas, pois como já fora possível observar, fora pressuposto uma didática geral por detrás do ensino de filosofia, a qual se encontra baseada em um método recognitivo, um modelo de ensino baseado na reprodução de ideias e conceitos de acordo com a tendência política do Estado, e não da criação deles a partir de uma problematização local. O modelo recognitivo e uma didática geral não permitem com que os alunos possam participar ativamente dessa criação filosófica, pois entregam a estes problemas e conceitos prontos e estabelecidos segundo determinações curriculares do Estado. Tal modelo de ensino se faz em prol de uma educação maior que visa o “exercício da cidadania”. A partir desse problema, Gallo conclui que:

Quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. (GALLO, 2012, p.27)

Quando o autor afirma “em nome de uma certa filosofia”, ele está se referindo a educação maior, isto é, ao direcionamento e seleção de uma filosofia por um modelo educacional que visa a formação de jovens para a vivência em uma sociedade de

acordo com determinada política de Estado. Esta forma , o autor define a educação maior como “aquela do âmbito das políticas de ensino gestadas nos ministérios e secretarias, a dos grandes planos, dos macroplanejamentos” (GALLO, 2012, p.26). Em outro texto intitulado “*Em torno de uma educação menor*” o ele define mais estritamente como sendo:

Aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. (GALLO, 2002, p.5)

Baseando-se nas Diretrizes Básicas da Educação e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, determina-se que a disciplina de filosofia ensine de maneira que os alunos desenvolvam certas habilidades filosóficas, tendo o professor como o responsável por estimular o desenvolvimento nos alunos. Vejamos então as habilidades que os Parâmetros Curriculares Nacionais já vêm propondo desde o ano de 1999:

- “ler textos filosóficos de modo significativo”;
- “ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros”;
- “elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo”;
- “debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes”;
- “articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais”;
- “contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica”. (BRASIL-MEC/SEMT 1999, p.64)

O problema não são as habilidades, que podem ser desejadas e até necessárias à prática filosófica, mas a transformação da filosofia como um meio que busca atingir algumas competências que se mostram para além da aprendizagem filosófica, isto é, voltadas à cidadania e ao mundo do trabalho, tornando-a apenas um meio e não fim em si mesma. Tratar da filosofia como disciplina que se compromete unicamente

com a formação cidadã dos jovens se mostra problemático pelo fato de que não é possível essa formação sem antes definir qual cidadania se trata, e como afirma Silvio Gallo “afirmar a importância da filosofia para o exercício da cidadania² significa atribuir a ela uma significação social” (GALLO, 2012, p.36), muito embora o autor não deixa de admitir que de certo modo, a filosofia “pode, de fato contribuir para o exercício da cidadania e mesmo para sua construção, ela não pode e não deve ser limitada a isso”. (GALLO, 2012, p.37).

Ora, se é antifilosófico tratar da filosofia como disciplina que busca o exercício da cidadania, então como tratar a filosofia para além disso? A proposta de Silvio Gallo é a filosofia que seja criadora que esteja além da educação maior e das formas de ensino que são de alguma maneira “controladas” pelos parâmetros. Segundo Deleuze-Guattari, (1992, *apud* GALLO, 2012, p.31) “vivemos em uma sociedade de controle”³ e por isso para o Estado⁴ não se mostra agradável incentivar um ensino que permita uma “liberdade” perante o pensamento e os problemas. Portanto, Silvio Gallo se mostra mais confiante em “apostar no ensino de filosofia como um fim em si mesmo, para além de qualquer tutela, seja ela cidadã ou moral” (GALLO, 2012, p.22).

O conceito de literatura menor foi criado para uma análise feita por Deleuze da obra de Franz Kafka “um judeu-tcheco que escreveu em alemão por causa da ocupação alemã na região. Literatura menor: subverter uma língua, fazer com que ela seja o veículo de desagregação dela própria” (GALLO, 2002 p.4). A partir disso, Silvio Gallo faz uma reapropriação da ideia de Deleuze, usando o deslocamento

² Silvio Gallo sugere a leitura de outro texto para aqueles que desejarem saber mais sobre as discussões: “Debrucei-me um pouco sobre isso em outra oportunidade, e não voltarei a esses assuntos aqui” e ainda sugere a quem possa interessar “a leitura do texto “Ética e cidadania no ensino de filosofia. (...) O texto está publicado no livro Filosofia do ensino de Filosofia” (GALLO, 2012, p.35)

³ A sugestão de Gallo ao leitor em forma de nota de rodapé também é: “Ver “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, em Conversações- Deleuze 1992. (GALLO, 2012, p.31)

⁴ Para melhor compreensão de como funciona a educação maior, Silvio Gallo em seu artigo “Em torno de uma educação menor” fornece um exemplo através de recursos visuais e sonoros: “Não consigo aqui me livrar das fortes imagens do filme *The Wall*, de Alan Parker, quando sob os sons de *Another brick in the wall*, do Pink Floyd, a escola inglesa é mostrada como uma imensa máquina que transforma crianças em bonecos sem face e que pouco a pouco são triturados num imenso moedor de carne. Cada estudante é, nada mais, nada menos, do que um outro tijolo no muro; ou uma outra engrenagem na máquina.” (GALLO, 2002, p.6)

conceitual para tratar da educação menor. Esse deslocamento conceitual permite com que a educação menor seja enfatizada a todos aqueles que estão em busca de uma filosofia criadora e não apenas reprodutiva.

A educação menor está assim para além das grandes políticas do Estado. Ela se mostra como sendo criadora, já que dentro dessa forma de educação as possibilidades não estão limitadas a um sistema governamental. A educação menor não distingue classes, ela é coletiva, não se preocupa em fornecer soluções prontas aos alunos, mas sim em dar condições para que eles construam seus próprios problemas. As construções da educação menor são coletivas, as ideias são coletivas, a produção, os acertos e erros de dentro dessa educação também são coletivos e todos são convidados a participar dessa criação, sendo uma forma de resistência à educação maior. Ainda segundo Silvio Gallo, a educação menor pode ser comparada com os grevistas de uma fábrica⁵, que lutam incansavelmente para que algo não se torne concreto, neste caso, falamos sobre uma concretização em forma de educação maior.

A educação menor “é aquela que se pratica nas salas de aula, entre as quatro paredes, no âmbito do pequeno, como resistência, como produção de algo que se coloca para além e para aquém das grandes políticas” (GALLO, 2012, p.26). A educação menor não possui objetivo de promover grandes propostas como a educação maior que firma sua posição em um “exercício de cidadania”. O ensino menor é discreto perante a educação que existe estabelecida nas redes de ensino, ele permite com que os alunos experienciem para além do que se estabelece nas Diretrizes Básicas da Educação.

O ensino menor é uma linha de fuga que Silvio Gallo propõe para resistir as grandes políticas do Estado e o cunho ideológico restrito em que a Filosofia se apresenta nas escolas de ensino médio. É também uma forma de não reduzir a filosofia ao exercício da cidadania, como se apresenta nas Diretrizes e bases da

⁵ “As táticas de uma educação menor em relação à educação maior são muito parecidas com as táticas de grevistas numa fábrica. Também aqui se trata de impedir a produção; trata-se de impedir que a educação maior, bem-pensada e bem-planejada, se instaure, se tome concreta.” (GALLO, 2002, p.7)

Educação, um meio de não deixar “o ensinar sujeito a um controle absoluto”. (GALLO, 2012, p.33).

Podemos nos questionar então: como acontece a resistência? Acontece dentro da sala de aula partindo da relação entre o professor e seus alunos. Através da figura do professor o aluno é incentivado a começar “cavar seu buraco”, como sugeriu Deleuze. No entanto, é importante que o aluno não se prenda ao professor. Esse desprendimento permite com que os alunos sejam capazes de cavar seus buracos e adquirirem autonomia para não depender de quem os ensina. O professor é a figura responsável por orientar o caminho dessa “toca”, mas mais que isso, é importante que exista o aprendizado dos alunos de como “manejar os conceitos como ferramentas”, assim não haveria a figura de um professor como espelho, mas sim daquele que incentiva novas formas de se descobrir a filosofia e de resistir.

Assim, é possível evidenciar que há sempre interesses das grandes políticas de se controlar a população de alguma maneira através da educação maior. Neste caso, o ensino de filosofia no ensino maior, ao que indica, se mostra controlado através de uma forma de educação maior, um ensino que não permite a liberdade do aluno com a aprendizagem, e em termos filosóficos é uma real apropriação do conceito, ideias estas que se relacionam com o exercício da cidadania, que como pudemos observar é muito frisado pelas próprias diretrizes básicas do Estado. Não se deve esquecer que a cidadania sugerida também é uma forma de controle. Como forma de propor um ensino que não controle, mas permita vivenciar os problemas, Silvio Gallo sugere que o ensino de filosofia seja trabalhado através da educação menor, uma filosofia que é criadora e que se permite criar, sempre resistindo a quaisquer métodos que demonstrem controle sobre a infinidade filosófica e o seu aprender. Tal método ele nomeou de oficina de conceitos.

2 DA PEDAGOGIA DO CONCEITO À OFICINA DE CONCEITOS

Silvio Gallo se propõe a tratar da educação menor como forma de resistir a essas determinações que são feitas para o ensino de filosofia. A educação menor, como já conceituada aqui, é a prática metodológica que permite que os alunos possam

experienciar a filosofia enquanto criação de conceitos e não assimilação de conceitos prontos. De fato, a educação menor permite uma vivência na aventura filosófica muito além do que o enciclopedismo que trabalha a educação maior. Como veremos, a educação menor trata da filosofia como aquela que cria conceitos, reinventa conceitos. Os conceitos são os objetos próprios da filosofia, sendo a aula de filosofia um possível espaço de sua criação. A educação menor permite com que os alunos sintam e criem esses conceitos de alguma maneira. Essas possibilidades tornam o ensino e aprendizagem de filosofia resistência perante o Estado e a educação maior e também permitem a experiência filosófica nos alunos.

2.1 A pedagogia do conceito a partir de Deleuze-Guattari

Para formular a definição de conceito será necessário aventurar-se na filosofia de Deleuze & Guattari, porque é a definição desses filósofos que permitem que Gallo pense em uma didática menor e criadora para o ensino médio e o ensino de filosofia. Também será utilizada a definição destes filósofos para responder à questão *o que é a filosofia?* Veremos a partir disso como a filosofia pode ser ensinável, mas nem sempre assegurada num único método de aprendizagem, isto porque na educação menor a aprendizagem não é controlada, nunca sabemos realmente como alguém aprende. Para que ela possa ser ensinável a partir da metodologia sugerida por Silvio Gallo, se faz necessário uma figura de um professor que não àquele explicador. Essa prática pode sim possibilitar uma nova forma de olhar para a imensidão filosófica e seu ensino.

A obra *O que é Filosofia?* de Gilles Deleuze e Félix Guattari publicada em 1992 discute algumas questões que se encaixam nas discussões de filosofia da educação. Tais questões fornecem subsídios para que Silvio Gallo esquematize seu pensamento acerca de uma metodologia do ensino de filosofia, como ele se propõe. Como já dito antes, a filosofia segundo Gallo é uma atividade criadora. Podemos então nos perguntar: O que de fato é a filosofia? Como ela pode ser criadora? Deleuze & Guattari respondem: “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.7). E é desta criação que se pode

afirmar que a filosofia criadora de conceitos, e está é uma característica única e específica da filosofia e não de outros saberes. A expressão “pedagogia do conceito” é utilizada pelos filósofos para explicitar que o pensamento se dá através da criação de conceitos. Ela possui três idades, vejamos:

Trata de três idades do conceito: a enciclopédia, que remete a uma espécie de “coleção” de conceitos e de ideias, sem maior preocupação com seu uso, sua operatividade; a formação profissional comercial, que remete a um uso, a uma operatividade absoluta, na qual o conceito é mais um produto, uma mercadoria; e, por fim, a pedagogia, apenas está centrada no aprendizado do conceito e em sua operatividade como experiencia do pensamento. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.21)

Ademais, sobre o que entendem filósofo, Deleuze e Guattari escreveram:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. Não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também sensibilizados. Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.13)

O filósofo é aquele que ao vivenciar um problema e senti-lo é capaz de criar um conceito. Os conceitos são criados a partir da experiência da singularidade de cada filósofo, portanto, essa criação é uma experiência singular, que envolve um problema. Cada filósofo é responsável pela criação do seu próprio plano de imanência⁶, mas não se descarta a possibilidade de caminhar por um plano já existente. Neste caso, acontece a recriação do conceito do plano abordado em

⁶ Em o que é a filosofia? temos a definição do plano de imanência. “O plano de imanência não é um conceito, nem o conceito de todos os conceitos (...) O plano envolve movimentos infinitos que percorrem e retornam. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.51)

primeiro momento. É uma espécie de “desterritorialização⁷” de um plano e sua reterritorialização em outro plano” (GALLO, 2012, p.64). De maneira mais compreensível, o plano de imanência pode ser percorrido por outro filósofo, neste caso novos conceitos são criados a partir de uma trilha realizada em um plano existente. Essa é a forma como acontece a reterritorialização, que permite que de um conceito nasçam outros conceitos adaptados para às necessidades que estão em questão. Novamente, é desta filosofia criadora que Silvio Gallo se propõe a tratar em sala de aula.

Se considerarmos a filosofia como criação de conceitos, então ela não pode ser definida como contemplação, nem reflexão e nem comunicação, pois como já foi possível observar anteriormente, a atividade primeira da filosofia se concentra na criação. A filosofia não é contemplação porque não é próprio da criação ficar contemplando aquilo que já existe. Não é reflexão, e tratá-la assim é retirar todo o caráter filosófico existente em um conceito. A reflexão pode ser realizada em qualquer âmbito, e não como atividade específica da filosofia. Nas palavras de Deleuze “os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.14). Tampouco é comunicação, que não se encontra relacionada com os conceitos e suas criações baseando-se em consensos, conversas e diálogos para produzir conteúdo. Portanto, é possível concluir como Deleuze escreveu que “a contemplação, a reflexão e a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.15). Se faz importante ressaltar que não se pode deixar de admitir que os conceitos criados pela filosofia permitem essas três atividades, o que não se pode fazer é uma redução da filosofia a essas atividades.

Comumente as aulas de filosofia são vistas como “aulas de debate”. Essas aulas, segundo Silvio Gallo remetem “a Sócrates e à maiêutica, defendem e definem as aulas de filosofia fundadas no diálogo” (GALLO, 2012, p.60). Este parece ser um

⁷ O processo da desterritorialização realizado por Silvio Gallo seguindo a ideia de Deleuze pode ser lido mais detalhadamente em no seu artigo “Em torno de uma educação menor”.

bom argumento ou um bom motivo pelo qual a filosofia parece ser inútil à grande parte dos alunos do ensino médio. Para eles, qual a criatividade exposta em apenas repetir e opinar sobre determinados assuntos? Essa metodologia está cada vez mais presente nas salas de aula, e talvez não porque o professor não é capaz de desenvolver uma aula para além de discussões, mas sim pelo fato de que esse modelo parece ter tomado conta do ensino de filosofia. Se a sugestão deste trabalho é contribuir para aqueles que buscam novos modelos para trabalhar o ensino, então se faz necessário tratar da filosofia como aquela que cria e reinventa e assim sair do campo de meras discussões, até porque como afirmou Deleuze:

O filósofo tem muito pouco prazer em discutir. Todo filósofo foge, quando ouve a frase: vamos discutir um pouco. As discussões são boas para as mesas-redondas, mas é sobre uma outra mesa que a filosofia joga seus dados cifrados (...) A filosofia tem horror a discussões. Ela tem mais que fazer. O debate lhe é insuportável, não porque ela é segura demais de si mesma: ao contrário, são suas incertezas que a arrastam para outras vias mais solitárias. (DELEUZE- & GUATTARI, 1992, p.41)

Perceber e entender as aulas de filosofia baseadas em diálogos é problemático. Em primeiro lugar porque como já exposto aqui, a filosofia não é reflexão, contemplação, discussão, logo também não se resume à diálogos. Em segundo lugar, porque se considerarmos a filosofia como aquela que dialoga, surge a questão: sobre o que devemos dialogar nessas aulas? Todos os diálogos estão aptos às aulas de filosofia? Em terceiro lugar, será mesmo que as aulas em forma de diálogos oferecem subsídios suficientes para os alunos aprenderem? Considerar as aulas de filosofia como atividade reflexiva ou contemplativa é retirar delas seu caráter filosófico, é tornar mesmo “aulas de debate” ou “aulas de reflexão” sobre assuntos vagos não se encaixam dentro do campo filosófico. E em último lugar, como afirmou Deleuze, a filosofia não gosta das discussões, e não é de sua competência realizá-las, se não em mesas redondas. Diante de tais questões é necessário encontrar uma resposta para tentar cessar essa problemática, e a resposta que se mostra mais pertinente para o momento é a de Silvio Gallo. Vejamos:

Trabalhar a filosofia como atividade nos remete para uma dimensão em que o processo não se separa do produto; um só pode ser tomado com o outro e pelo outro. Falta justamente aquilo que Deleuze e Guattari vão

identificar como conceito, que é processo e produto ao mesmo tempo.
(GALLO,2012, p.62)

Apresentados esses pontos que se deve evitar sobrevalorizar na aula de filosofia e a ideia da filosofia como criação de conceitos, surge a questão: diante da diversidade filosófica existente, de qual filosofia então estamos tratando? Para Silvio Gallo é necessário que o professor realize a escolha de qual perspectiva filosófica irá trabalhar em sala de aula. A não escolha é problemática, pois o professor quando trabalha diversos temas e perspectivas pode acabar tornando sua aula eclética demais. Além de apresentar um pouco de cada tema as chances de os alunos aproveitarem essa aula é mínima. Ou seja, é uma aula que pode ser dispensável facilmente.

A escolha desses eixos filosóficos também é problemática e coloca o professor em risco. Por dois motivos: ou ele corre o risco de tornar sua aula *dogmática* demais ou *relativa*. Ambas as formas de aulas estão presentes no ensino médio das escolas brasileiras. Ou o professor mostra apenas um lado do problema ou ele usa sua aula para fazer uma espécie de tudo pode, tudo vale e tudo está correto. Se a diversidade também é uma característica da filosofia então parece justo que nessa escolha o professor forneça possibilidades para os seus alunos saberem que a determinada perspectiva abordada em sala de aula não se mostra como *única* dentro da filosofia. Silvio Gallo reforça essa diversidade filosófica quando afirma que “não se pode falar em filosofia de forma geral, sem dizer de que filosofia falamos” (GALLO, 2012, p.38).

Em *Metodologia do ensino de filosofia*, Gallo apresenta uma conversa indireta que teve com Fernando Savater, que se faz muito pertinente nesta discussão. Savater sugere que para o ensino de filosofia é de que o professor trabalhe filosoficamente grandes temas que estão vez ou outra aparecendo no cotidiano dos alunos, como exemplo de temas: “a morte, a liberdade, o tempo, a beleza, a convivência” (GALLO, 2012, p.42). Esses problemas são sugeridos pelo filósofo por serem acontecimentos que muitas vezes não se mostram como “fáceis” ou “simples”, mas que todos iremos experimentar em diferentes momentos da vida o “gosto” desses problemas. Além disso, esses temas fornecem uma bibliografia filosófica gigantesca para o professor, são muitas as possibilidades e os filósofos que podem ser trabalhados a partir dessa

proposta. Do mesmo modo que Silvio Gallo, Savater se mostra empenhado em investir em um ensino de filosofia criador.

Vejamos então mais uma contribuição da filosofia de Fernando Savater (2002, pp.209-210 *apud* Silvio Gallo, 2012, p. 44). Para ele existem quatro momentos que o professor não deve esconder dos seus alunos nas aulas de filosofia, são eles: 1) “não existe “a” filosofia, mas “as” filosofias”. O professor se torna responsável por oferecer aos seus alunos mais de uma possibilidade filosófica. 2) “o estudo da filosofia não é interessante porque a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles e Kant, mas esses talentos nos interessam porque se ocuparam dessas questões de amplo alcance que são tão importantes para a nossa própria vida humana, racional e civilizada”. 3) “até os melhores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros graves”. Este terceiro momento o professor pode utilizar como um recurso para tentar sensibilizar seus alunos, mostrando-os que eles podem superar os limites de seus pensamentos que se encontram acomodados. 4) “em determinadas questões extremamente gerais aprender a perguntar bem também é aprender a desconfiar das respostas demasiado taxativas”. (SAVATER, 2001, pp. 209-210 *apud* Gallo, 2012, p.44). Se trata de mostrar para os alunos os caminhos da desconfiança, de modo que não tomem por verdades tudo aquilo que lhes é ensinado.

Esses exercícios oferecidos por Savater como “guias”, permitem concluir que a filosofia pode sim ser ensinada. E pode ser ensinada para além das metodologias que estão presentes em grande parte das escolas, possibilitando o exercício do pensamento próprio nos alunos. Também se mostra ensinável não como uma didática magna “a arte de ensinar tudo a todos” que abrange as didáticas gerais, e sim com uma didática específica da filosofia através da vivência de problemas e da criação de conceitos

Ora, posto que a filosofia pode ser ensinável, parece ser necessário levantar outra questão: *ela é aprendível?* Seguindo o pensamento de Deleuze, nem tudo. Para o filósofo:

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma partida daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento). (DELEUZE, 2006, p. 237)

Com esse trecho retirado da obra *Diferença e Repetição* de Gilles Deleuze, não se pode afirmar que tudo aquilo que é ensinado é aprendido. Isto porque o modo como a filosofia é tratada neste trabalho é aquela que visa o trabalho de uma educação menor, a qual está para além de qualquer tipo de controle e o aprendizado não pode ser controlado. Podem existir infinitas didáticas e possibilidades de se trabalhar a filosofia, mas elas não serão capazes de promover o mesmo grau de entendimento, compreensão e problematização nos alunos. A aprendizagem nos escapa e escapa de qualquer pedagogia. Tentar forçar o entendimento no aluno é de certo modo invadir a sua singularidade, e como afirma Silvio Gallo “Não há como planejar o aprendizado. Mas o aprender acontece, singularmente, com cada um”. (GALLO, 2012, p.5).

Se analisarmos em uma perspectiva deleuziana, a aprendizagem se dá no encontro de signos⁸. De nada adianta o professor reproduzir conteúdos da filosofia platônica, por exemplo, se não fornecer estratégias para que os alunos possam sentir e vivenciar os signos possíveis nessa filosofia. Os alunos podem perfeitamente reproduzir tudo que lhes fora dito em sala de aula e mesmo assim não aprenderem nada e não sentirem os incômodos dessa filosofia. A reprodução não é uma aprendizagem. Não se trata de aprender da maneira como o professor faz, e sim com o professor, numa relação aonde cada um se sensibiliza e apreende os signos de maneiras diferentes. Segundo Deleuze, a sensibilização a esses signos ocorre porque o pensamento pensa quando é forçado, e esse incômodo é um acontecimento que foge

⁸ Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos”. (DELEUZE, 2003, p.4)

do modelo de reconhecimento e das políticas pedagógicas, permitindo a criação de algo novo.

O problema deve ser tratado como motor do pensamento. Ele é mais complexo do que a ideia comum que se têm de que a atividade de pensamento é aquela antes já pensada, isso porque:

Há no mundo alguma coisa que nos força a pensar. Este algo é objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento. Ele só pode ser sentido. É assim que ele se opõe à reconhecimento, pois o sensível, na reconhecimento, nunca e o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido. Aquilo que só pode ser sentido sensibiliza a alma, torna-a “perplexa”. (DELEUZE, 2006, pp. 203-204)

O problema nunca é dado de antemão, portanto a causa do problema se dá no encontro com algo que força o pensamento a pensar. O pensamento foge de qualquer espécie de reconhecimento, pensamentos e problemas idealizados. Nesse encontro do pensamento com problema existe uma força maior capaz de colocar o pensamento em ação.

Se é possível afirmar que o pensamento é um incomodo sentido, então é correto afirmar que ele inicia no âmbito da experiência sensível. Eles não possuem uma forma para funcionar. Como afirmou Silvio Gallo, o “problema é sempre uma singularidade” e ainda, “não apresenta fórmula predeterminada” (GALLO, 2012, p.72). Portanto concluir-se que não existem regras absolutas para a estrutura do pensamento e nem para a maneira de experimentar da qual ele parte, exigindo a sua singularidade.

O pensamento é forçado em dois momentos. O primeiro momento é aquele que é causado pelo sensível, que nos faz sentir algo como um problema. O segundo momento é quando se realiza a busca de um possível encontro de solução a partir da problematização. Quando essa busca é realizada em um determinado grupo, cabe ressaltar que então não existirá a solução ou o problema, mas sim singularidades e multiplicidades no problema discutido inicialmente, isto é, o problema pode permanecer aberto. Neste caso, se faz necessário um certo “cuidado” para que o

problema não venha a se tornar “falso problema”. O que é um falso problema? Aquele que retira a capacidade sensível do problema. Os falsos problemas estão em grande maioria presentes no ensino metodológico da reconhecimento, modelo que reproduz os problemas antes já discutidos.

Para a problemática de “experienciar o problema”, Deleuze tratou do pensamento sem imagem, um pensamento puro⁹, que nasce do próprio pensamento, não podendo este ter alguma imagem de um problema antes já pensado. O pensar sem imagem é a forma de um pensamento virgem e sem interferências. Através desse exercício do pensamento nasce a possibilidade da criação das ideias e também dos conceitos. Esse é o momento que Silvio Gallo pretende chegar em sua obra, tratar da aula de filosofia como uma oficina de conceitos, aula que permite o aluno trilhar um plano de imanência e vivenciar seus próprios problemas.

Sobre a filosofia como criação de conceitos, Deleuze (2003b, p. 292 *apud* Silvio Gallo, 2012 p.79), estabelece a condição de que exista um problema, uma necessidade para se criar um conceito, quando afirma que:

É simples, a filosofia também é uma disciplina criadora, tão inventativa quanto qualquer outra disciplina, e ela consiste em criar ou bem inventar conceitos. Certamente, não se os fabrica assim, do nada (...) é necessário que se tenha uma necessidade, em filosofia ou nos outros casos, senão não haverá nada. Resta que esta necessidade – que é uma coisa bastante complexa, se ela existe – faz com que o filósofo se proponha a inventar, a criar os conceitos e não se ocupar de refletir, ainda que seja sobre o cinema. (DELEUZE, 2003b, p.292 *apud* Silvio Gallo, 2012, p.79)

Se é possível tratar do ensino de filosofia como sendo um ensino à diversidade e que permite aos alunos vivenciarem seus problemas, então se faz necessário que exista uma figura de um professor que também escape dos métodos de reconhecimento. Para isso, veremos alguns tipos de “mestres” e suas características.

A obra de Jacques Rancière “*O mestre ignorante*” - 2002 trata de uma análise da experiência de Joseph Jacotot, que considerou o desenvolvimento da aprendizagem a partir da emancipação intelectual, afim de negar qualquer espécie de ensino que seja

⁹ Vejamos nas palavras de Deleuze o que é o pensamento puro: “O pensamento que nasce no pensamento, o ato de pensar engendrado em sua genitalidade, nem dado no inatismo nem suposto na reminiscência, é o pensamento sem imagem”. (DELEUZE, 2006, p.162)

“embrutecedor”, ou, o ensino da reconhecimento. A primeira definição de mestre é aquele que “transmite seus conhecimentos aos alunos, para elevá-los gradativamente à sua ciência” (RANCIÈRE, 2002, p.16). Esse embrutece e controla o saber. Isso acontece porque ao mesmo tempo que o mestre explicador determina o momento em que se dá a aprendizagem, ele também controla o que será ensinado. O mestre explicador se identifica muito com a figura de Sócrates, que indagava os jovens em praça pública até que eles chegassem em respostas que ele gostaria de ouvir.

O segundo tipo de mestre é o livro aberto, é aquele que trabalha o ensino a partir de lições, neste caso “o aluno não aprende com o professor, ele aprende o professor”. Ambas as figuras de mestres são problemáticas, mas o mestre sábio “de algum modo, permite que o discípulo transcenda, enquanto para o primeiro, isso seria impossível”. (GALLO, 2012, p.50).

O terceiro e último tipo de mestre é o ignorante. Se mostra como o a figura do mestre que mais acrescenta ao ensino de filosofia, isto pelo fato de que o mestre explicador é contra a lógica de uma filosofia explicadora. Esse mestre não irá frisar o ensino baseado sempre no encontro de soluções, antes disso, buscará problematizar juntamente dos alunos. “O que um ignorante pode uma vez, todos os ignorantes podem sempre. Pois não há hierarquia na ignorância. E o que os ignorantes e os sábios podem, comumente, é a isso que deve chamar o poder do ser inteligente, como tal” (RANCIÈRE, 2002, p. 43). Se não há hierarquia na ignorância, podemos concluir que o mestre ignorante é aquele que não se determina como único possuidor do saber filosófico em sala de aula. Ao contrário, ele e os alunos se encontram em um mesmo plano, possibilitando a troca de experiências, conhecimentos e vivência de problemas. O mestre explicador é o que mais se encaixa na proposta de Silvio Gallo.

Concluimos então que a filosofia é a atividade de criar conceitos e ao mesmo tempo, na perspectiva de Deleuze, é também a atividade de viver e sentir esses conceitos. Podemos realizar essa experiência quando incomodados por um problema que determina o conceito. Os conceitos não são fechados, portanto, é possível perceber vários problemas dentro do mesmo conceito. Essas são experiências

necessárias para os alunos nas aulas de filosofia, como já dito anteriormente, não se sabe como cada um irá aprender e se irá aprender, mas é necessário que o professor permita essas experiências, só assim será possível abandonar de vez o modelo cognitivo das aulas de filosofia. Com essas possibilidades, se abre um grande leque para a metodologia proposta por Silvio Gallo, a educação menor. Veremos agora pistas para trabalhar a aula de filosofia como oficina de conceitos.

2.1 A aula de filosofia como oficina de conceitos

Os conceitos nas aulas de filosofia podem ser descobertos, estudados e problematizados a partir da pedagogia do conceito, a qual trataram Deleuze e Félix Guattari. A partir dessa pedagogia, Silvio Gallo “estruturou” alguns passos didáticos como meio de nortear o professor. Os passos são, sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Nesse percurso não é necessário seguir uma rota estabelecida que sempre funcionará da mesma maneira, podendo assim o professor adaptar esse percurso do modo que mais se mostre criativo filosoficamente e que principalmente, não seja um trabalho cognitivo. Veremos também um exemplo didático para se trabalhar a oficina de conceitos em sala de aula. Nessa oficina o aluno pode se sentir mais próximo da filosofia sentindo-se um filósofo partir de sua problematização. E por fim veremos a proposta de Silvio Gallo de se trabalhar a filosofia a partir de um método regressivo.

O primeiro momento é a sensibilização e é fundamental para poder tornar possível o “funcionamento” dos outros três. Na sensibilização o professor pode chamar atenção de seus alunos, fazendo com que eles se sintam tocados de alguma maneira por um problema. Como o próprio nome do momento nos permite observar: sensibilização, se trata de sentir algo, neste caso, um incômodo na alma, como mencionou Deleuze. Os recursos que o professor pode utilizar nesse momento são inúmeros, como filmes, músicas, poemas teatros... São recursos que podem ser adaptados com a “fase” juvenil. Na sensibilização é possível que o professor encontre um escape da metodologia tradicional que apenas faz uma introdução no problema em sala de aula, mas não permite com que o aluno vivencie o problema. É necessário

que “o problema seja vivido como um problema para eles” (GALLO, 2012, p.96). O problema deixa de ser vivido apenas pelo filósofo que criou determinado conceito. Os alunos o sentem também, cada um em sua singularidade.

A problematização é o momento que possibilita que os alunos juntamente do professor problematizem o problema que de alguma maneira lhes afetou em sala de aula. Na problematização eles podem elencar os problemas para investigar e almejar o encontro de soluções. Nessas discussões o professor pode instigar o lado crítico dos alunos, e assim eles estarão sempre prontos à desconfiar das respostas que lhe são dadas prontas. A problematização é relevante para esses momentos didáticos, pois é a partir dela que “será mais intensa a busca por conceitos que possam nos ajudar a dar conta do problema”. (GALLO, 2012, p.97).

A investigação permite a aproximação dos alunos com a História da Filosofia, filósofos, teorias e como eles resolveram os problemas no tempo em que os vivenciaram. A partir disso é possível pensar em uma solução para o problema que se encontra dado. Exemplos desse momento são: Será que Platão também se deparou com esse problema? Como ele o resolveu? Não é necessário apresentar uma única perspectiva filosófica para realizar a investigação, mas cabe ao professor fazer as seleções de filósofos que melhor adaptem-se ao conteúdo estruturante de sua aula. É importante também que o professor instigue a procura de outros filósofos fora da sala de aula, desse modo, o aluno experimenta mais problemas e aumenta seu conhecimento filosófico.

O quarto e último momento didático é a conceituação. A conceituação permite com que os alunos façam da filosofia um exercício de criatividade, podendo reinventar e recriar os conceitos que foram trabalhados. Os alunos através de conceitos e soluções já existentes podem criar outros problemas, realizando o deslocamento do conceito, de modo que esse deslocamento possa indicar possíveis soluções. Quando não há possibilidades de realizar o deslocamento, se abre a possibilidade da criação de um novo conceito, permitindo o aluno a partir da conceituação ter sua vivência singular do problema e a experiência de reinventar o

conceito. Novamente frisa-se a importância de cada aluno ter possibilidades de sentir os próprios problemas na conceituação, essa possibilidade faz com que o método proposto por Silvio Gallo se torne “concreto”.

Dentro da aula de filosofia como oficina de conceitos, Silvio Gallo apresenta o método regressivo e quatro pistas para alcançá-lo. Se antes o ponto de saída era o problema para a formação do conceito, agora se trata de realizar o caminho inversamente, saindo do conceitos filosóficos para chegar no problema que motivou a criação do conceito. Desta maneira ele busca a realização de uma emancipação filosófica, na qual os alunos são donos e responsáveis pelos seus pensamentos, e não aquilo que fora pensado antes.

Nas palavras de Gallo, “podemos considerar como pistas para um método regressivo para o ensino de filosofia seria a busca do problema ou do conjunto de problemas que engendrou o conceito de um determinado filósofo” (2012, p.III). De fato, não parece conveniente e nem interessante estudar vários conceitos que são jogados em sala de aula sem entender o motivo, de onde eles vieram e porquê existem... Não é nada convidativo que os alunos estudem a filosofia platônica, saibam repetir todos os conceitos nas avaliações, mas não consigam entender o que o filósofo pretendeu expressar. De fato, se torna “abstrato quando não sabemos de onde saíram os conceitos, que movimento fez o filósofo para criá-los”. (GALLO, 2012, p.III).

O método regressivo oferece algumas pistas que podem guiar o professor com seus alunos na tentativa de descobrir esse campo problemático do filósofo em questão. São elas:¹⁰ 1) escolher um texto ou uma parte de um texto de um filósofo; 2) ler esse texto com os estudantes; 3) evidenciar o conceito proposto pelo filósofo ali; 4) investigar o problema ou os problemas que moveram o filósofo a criar tal conceito. As pistas podem facilitar o entendimento dos alunos perante o conceito.

¹⁰ Ver em Metodologia de Ensino de Filosofia, 2012, p. 114.

Desse modo a filosofia escapa do modelo enciclopédico de ensino e permite com que os alunos vivenciem os *seus* problemas. A oficina de conceitos abre possibilidade para que o aluno também se sinta um filósofo. É possível observar essa permissão se nos atentarmos às palavras de André Comte-Sponville:

O que é um filósofo? É alguém que pratica a filosofia, em outras palavras, que se serve da razão para tentar pensar o mundo e sua própria vida, a fim de se aproximar da sabedoria ou da felicidade. E isso se aprende na escola? tem de ser aprendido, já que ninguém nasce filósofo e já que a filosofia é, antes de mais nada, um trabalho. Tanto melhor, se ele começar na escola. o importante é começar, e não parar mais. (SPONVILLE, 2003, p.252)

Portanto, “como afirmou Deleuze, somos escravos enquanto não temos direito de enfrentar nossos próprios problemas” (GALLO, 2012, p. 116). A oficina de conceitos e o método regressivo estão para além de qualquer metodologia geral. A partir da pedagogia do conceito a filosofia deixa de ser a disciplina que ensina apenas as definições dos conceitos e passa a ser uma disciplina criadora de conceitos, e por conseguinte de seus próprios métodos, bem como se desprende da figura do professor explicador. Para o pensar não existem limites e regras, basta que o pensamento seja forçado, mas para que seja forçado ele necessita sentir um problema, para isso é necessário que o ensino permita que cada aluno tenha direito aos seus próprios problemas. Não se é possível limitar o ensino, e a forma mais adequada e agradável se mostra como aquela que ensina “não como ato de controle, mas como um convite a um aprendizado, a um “fazer com”, à inauguração de um novo começo”. (GALLO, 2012, p.117).

A oficina de conceitos se mostra de tamanha importância para o ensino de filosofia, pois ao mesmo tempo que ela permite os alunos sentirem os problemas que estão dentro dos conceitos, ela também se dá como uma forma de incentivo àqueles que já descreditaram que o ensino não possa ir além de uma reconhecimento. Através dessa didática os alunos podem ter a experiência com a filosofia de modo a alcançar uma autonomia intelectual para pensar o problema e o conceito.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa buscou-se apresentar a metodologia do ensino de filosofia com a proposta de Silvio Gallo, a oficina de conceitos. Através desse estudo, foi possível concluir que a filosofia em grande maioria foi vista no ensino como disciplina que realizava um ensino restrito e direcionado politicamente. Assim, foi possível discutir tal problema pela crítica de Silvio Gallo ao que ele chamou de educação maior, bem como a sua proposta de ensino enquanto uma educação menor.

A disciplina em grande maioria é usada para atingir a prática cidadã. Pode-se analisar este problema em citações retiradas das Diretrizes nas quais mostram o ensino de filosofia e suas orientações para a formulação da disciplina, enquanto guiado pelo mote da cidadania e do trabalho, onde a filosofia aparece como meio para desenvolver habilidades para estes objetivos que são, por princípios, exteriores à filosofia. Como vimos, para Silvio Gallo afirmar que a filosofia tem por objetivos desenvolver habilidades para tal exercício, é tentar justificá-la através de um meio, o que para o autor, se mostrou inconsistente, pois ela não é produto e seu fim está nela mesma.

Após essa análise, chegamos em uma definição de filosofia que pudesse tratar de um ensino criador, Silvio Gallo recorreu a filosofia de Deleuze & Guattari. Para estes filósofos a filosofia é uma disciplina cuja função principal é a criação dos conceitos. Os conceitos são formados por problemas a partir da própria experiência, mediante a imposição de uma necessidade de pensar. Através da compreensão dos problemas existentes por detrás dos conceitos é que os alunos podem experimentar a filosofia experienciando seus próprios problemas, e é nessa experiência que se encontra a aventura filosófica. É possível trabalhar a filosofia em sala de aula a partir da oficina de conceitos pelo fato de que ela é ensinável se conduzida como criação. Nessa construção e criação cada aluno irá aprender em sua singularidade a partir de um problema que será sentido. Essa aprendizagem está para além de qualquer metodologia ou controle, portanto não é possível afirmar que tudo aquilo que é ensinado é aprendido, como tratou Deleuze em *Diferença e Repetição*, nunca se sabe

como alguém irá aprender. A educação menor pode ser trabalhada a partir da oficina de conceitos, a metodologia “escape” de um ensino recognitivo que Silvio Gallo apresenta.

A oficina de conceitos aparece como modo de realizar essa experiência em sala de aula, possibilitando trabalhar a filosofia para além de qualquer método de reconhecimento e controle. A oficina de conceitos não espera limitar o pensamento dos alunos com meras reproduções de conceitos, tal oficina é que permite essa vivência e experiência, que pode acontecer através da sensibilização, investigação, problematização e conceituação, que não necessitam seguir sempre a mesma ordem e os mesmos métodos, são antes, como diz o autor, “pistas” para o pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL – MEC/SEMT. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 1999. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2021, 19:02:34.

COMTE-SPONVILLE, André. **Uma educação filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka – por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34. 1992.

GALLO, Silvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. 2012. Disponível em < <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/3491>>. Acesso em 14 maio. 2021, 15:36:24.

_____. **Em torno de uma educação menor**. Educação e realidade, 2002. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>> Acesso em: 15 abril. 2021, 10:30:45

_____. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas – São Paulo: Papirus, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**.

SAVATER, Fernando. **O meu dicionário filosófico**. Lisboa: Dom Quixote, 200

